



**Múltiplas experiências errantes e a não-superação da nação, em Azul-corvo, de
Adriana Lisboa**

Multiple errant experiences and the non-overcoming of the nation, in *Azul-Corvo*, from
Adriana Lisboa

Vander Vieira de Resende ¹

Resumo: Nesse artigo, destaco como a representação de diversas formas de errância por personagens de *Azul-Corvo*, de Adriana Lisboa (2010), expressa contradições de pertencimentos, bem como problematiza a re-constituição de fronteiras nacionais, na contemporaneidade. Foco a atenção na errância da narradora-protagonista, bem como enfatizo o desejo e o adiamento de uma “superação do nacional”, em um romance cuja voz narrativa, recorrentemente, almeja a uma condição pós-identitária e transnacional.

Palavra-Chave: Azul-Corvo. Nação. Errância. Fronteira.

Abstract: In this article I highlight how the representation of different forms of errancy in *Azul-Corvos'* characters, by Adriana Lisboa (2010), expresses contradictions of belongings as well as discusses the re-establishment of national borders, in contemporary times. I focalize my attention on the errancy of the narrator-protagonist and the desire and the postponement of an "overcoming of the national" in a novel whose narrative voice, repeatedly, craves for a post-identity and transnational condition.

Key-word: Azul-Corvo. Nation. Errancy. Border.

Nesse artigo, destaco algumas formas de se representar a errância em *Azul-Corvo*, de Adriana Lisboa (2010). Assim, citarei brevemente as complexidades dos pertencimentos e movimentos nos quais se situam alguns dos personagens de *Azul-Corvo* – em que são citados quase uma dezena de personagens que atravessam ou atravessaram fronteiras nacionais –, focando a atenção na errância da narradora-protagonista, bem como discutirei como se expressaria um adiamento de um desejo de “superação do nacional”, em um romance cuja voz narrativa, recorrentemente, parece almejar a transnacionalidade. Considero, ainda, que, ao representar uma multiplicidade de formas de experimentar a errância, a narrativa permitiria empreender um questionamento de perspectivas estereotipizantes de representação de um “nós” e um “eles” homogêneos, que re-produziriam diferenciações binárias entre nacionais ou migrantes transnacionais.

¹ Doutorando do Programa de Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, na Área de Concentração em Literatura Brasileira, e Mestre em Letras, Teoria literária e Crítica da Cultura, pela

Em *Azul Corvo*, haveria não apenas a representação de vários personagens experienciando distintas formas de errância, mas também uma atenção ao modo como, ao longo de suas vidas, os personagens vivenciam a errância de mais de uma forma. A voz narrativa de Vanja, narradora-protagonista, expressaria uma perspectiva transnacional, de uma personagem que inicialmente parece viver e viajar como se habitasse em uma aldeia liberal global, em um mundo sem fronteiras. Mas essa não é a única errante do romance, embora seja aquela que focarei. Cito alguns outros errantes representados de forma mais ou menos aprofundada na narrativa: Fernando (brasileiro, pai legal de Vanja, ex-guerrilheiro comunista, treinado na China e que lutara nos anos 1970 contra a ditadura brasileira no Araguaia, se exilando na Inglaterra e, depois, migrando para os EUA); Suzanna (brasileira, mãe da narradora, migrara aos 8 anos para os EUA, acompanhando o pai, voltando para o Brasil quando Vanja tinha 2 anos); o avô materno de Vanja (brasileiro, não-nomeado, geólogo que migrara nos anos 1970 para os EUA, para prestar serviços especializados no Texas); Daniel (estadunidense, pai biológico de Vanja, filho de uma estadunidense e de um mexicano, nascido em Abidjan, na Costa do Marfim, onde vivia quando Vanja foi aos EUA conhecê-lo); Aditi Ramagiri (amiga de Vanja na escola em Lakewood, Colorado, filha de migrantes Indianos, nascida em Columbus, Ohio, nos EUA); June (amiga de Suzanna e de Fernando, criada na Inglaterra, era filha de um índio norte-americano, da nação Zuni, e de uma linguista inglesa especialista em línguas indígenas); Carlos (vizinho de Fernando e Vanja, em Lakewood, Colorado, um el-salvadorenho de 9 anos, migrante ilegal – *sin papeles* – nos EUA, que se considerava estadunidense); Pai e mãe de Carlos (migrantes ilegais, *sin papeles*); Irmã de Carlos (el-salvadorenha ilegal, como os pais, mas que adquire a cidadania estadunidense ao se casar); Isabel (portorriquenha, divorciada de um estadunidense, que vai e volta de Porto Rico aos EUA).

Se são múltiplas as formas de vivenciar as errâncias contemporâneas em *Azul Corvo*, há uma plêiade de teóricos que, ao pensar as diversas modalidades de deslocamentos, atentam para semelhanças, mas, sobretudo, para características idiossincráticas – individuais, comunitárias, coletivas ou identitárias – de viver a errância. James Clifford (2000), ao considerar a condição diaspórica contemporânea, declara a necessidade de pensá-la em relação a viagem, a imigração e ao exílio. Já Edward Said (2000), ao refletir acerca dos paradoxos do exílio, distingue alguns tipos característicos: exilados, refugiados, expatriados e imigrantes. Enquanto Avtar Brah (1996) destaca alguns outros tipos, como trabalhadores migrantes (com ou sem documentos), especialistas altamente qualificados, empresários, estudantes, refugiados e pessoas em

busca de asilo político, ou mesmo membros familiares de um grupo anterior de migrantes. Assim, muitas são as formas de pensar e múltiplos os modos de nomear os deslocamentos contemporâneos. Observando vários desses deslocamentos, com suas variadas denominações, nesse artigo utilizarei os termos “errância” e “errante” para me referir de forma genérica a distintos tipos de deslocamentos, tanto nas acepções destacadas por Clifford, Said e Brah, quanto a outras que venham a ser utilizadas ao longo do artigo.

Contudo, mais do que classificar e criar uma tipologia da multiplicidade de experiências errantes, torna-se necessário levar em consideração como esses deslocamentos “não se dão sem contingenciamentos, isto é, não são despidos de contradições uma vez que as mobilidades se atrelam a esferas políticas, implicando, sempre, relações de poder” (CURY, 2015, p. 186). A relação entre a esfera política e a errância contemporânea se faz candente em um tempo, primeiras duas décadas do século XXI, em que um discurso nacionalista, xenófobo e, por vezes, racista emerge em discursos de políticos de destaque em vários países receptores de deslocados, na América do Norte e na Europa Ocidental. Como exemplo cito alguns políticos de destaque que durante o ano de 2015, diversas vezes, posicionaram-se pelo fechamento de fronteiras e exclusão de migrantes e refugiados, alegando questões de segurança pública e a necessidade de defender identidades e valores nacionais: Donald Trump, nos EUA, candidato líder nas primárias do Partido Republicano; Marine Le Pen, do partido Frente Nacional, na França; Nigel Farage, líder do partido anti-imigrante e eurocético UKIP (Partido da Independência do Reino Unido), na Inglaterra; Matteo Salvini, secretário-geral da Liga do Norte, na Itália. Como sintomático de um discurso xenófobo, que essencializa a diferença entre “nós” e “eles”, civilizados e bárbaros, destaque-se os discursos de campanha eleitoral do bilionário Donald Trump, líder durante o segundo semestre de 2015 nas primárias para selecionar o candidato do Partido Republicano a presidência dos EUA. Com uma retórica bombástica e populista, Trump defendia que se erguesse um muro separando os EUA do México (isso em seus primeiros pronunciamentos como candidato, em julho de 2015), generalizando que mexicanos seriam estupradores, também propunha o fechamento das fronteiras dos EUA aos muçulmanos em geral, quer fosse migrantes, viajantes, estudantes, turistas, trabalhadores ou refugiados, os quais caracterizava como terroristas em potencial (no início de dezembro de 2015). A cada uma dessas investidas contra mexicanos ou muçulmanos, com ampla cobertura midiática, Trump conquistava vários pontos em pesquisas de intenção de votos, numa curva ascendente durante o segundo semestre de 2015. Para defender suas propostas nacionalistas, xenófobas e

racistas, Trump inclusive utilizou-se do exemplo da prática de contenção e confinamento dos “inimigos” dos Estados Unidos, empreendido durante a 2ª Grande Guerra Mundial, por Franklin D. Roosevelt, o qual criou campos de concentração para mais de 110.000 japoneses e nipo-americanos residentes nos EUA (HEAVEY, 2015). Esse exemplo extremo permite ilustrar os paradoxos da defesa da nação e de valores e identidades culturais, na metade da segunda década do século XXI, nos EUA, país tido como baluarte do neoliberalismo e propagador do ideal de uma aldeia global e de um mundo sem fronteiras. No final dos anos 1990, Bernd já constatava que a persistência de um discurso xenófobo, expressaria uma “visão etnocêntrica, que dividia o mundo entre civilizados e bárbaros (...), gerando o preconceito e o racismo. Ao invés de ir gradativamente se atenuando, esta ideologia foi sendo reforçada de diferentes modos” (BERND, 1999, p. 97). Contrapondo-se a esse discurso xenófobo e nacionalista, enfatiza-se nesse trabalho o papel utópico da literatura, em uma defesa de um trânsito entre fronteiras físicas e simbólicas e de abertura para o diálogo na esfera política.

Nesse sentido, remeto a leitura de Eurídice Figueiredo, quanto ao manifesto por uma literatura-mundo:

Na reivindicação dos signatários do Manifeste [pour une “littérature-monde”], percebe-se a **superação** do “nacional” em benefício de uma visão “transnacional” da literatura na medida em que a maioria deles pertence, ao mesmo tempo, a várias “comunidades imaginadas” (Anderson), ou seja, são escritores que **vivem uma realidade** de hibridismo e mestiçagem (FIGUEIREDO, 2013, p. 34, ênfases em negrito adicionadas).

Dois aspectos sobre os quais refletir aqui: a questão da “superação do nacional” e a de quem são esses “escritores que vivem uma realidade de hibridismo e mestiçagem”. Quanto a “superação do nacional” ou regional, torna-se questionável fazer uma afirmação tão categórica, já que em várias das narrativas de escritores transnacionais – que inclusive situam suas narrativas em contextos de trânsito entre nações –, personagens ainda são, em muitas situações, interpelados a ocupar um lugar social e cultural a partir de sua condição de nacional de seus países ou região de nascimento ou criação. Quando a própria Figueiredo, ao destacar os escritores provenientes de ex-colônias européias que ganharam prêmios, como o Nobel de Literatura, os localiza em um determinado país ou região (cf. Figueiredo, 2013, p.35-6), está indiretamente, demonstrando que a questão

nacional ainda seria uma questão e, portanto, não estaria superada. Lembro-me de que mesmo o talvez mais transnacional dos escritores transnacionais, Salman Rushdie, não deixa de ser definido-localizado, recorrentemente, como um escritor hifenizado, indo-britânico, ou mesmo só como indiano.

Esse é um dos fatores – a interpelação de escritores a ocuparem um lugar marcado em termos nacionais ou regionais, por mais que transitem por várias nações – que permite problematizar não apenas a questão da “superação do nacional” na literatura contemporânea, mas também questionar se escritores transnacionais de fato “vivem uma realidade de hibridismo e mestiçagem”. Pode haver, como destaca Figueiredo (2013), alguns que vivem tal “realidade”, mas parece haver escritores que – mesmo buscando a “superação do nacional” – em suas próprias narrativas expressam como as fronteiras nacionais ainda são relativamente “sólidas”. Isso através da representação das condições de vida e localizações culturais predominantemente marginalizadas de personagens errantes. Pondero, relendo Marshall Berman (2012), que, embora “tudo que é sólido, se desmancha no ar”, as fronteiras nacionais persistem, talvez por não serem sólidas. Não são sólidas já que pelo menos entre a maioria dos estados-nacionais as fronteiras não se constituem em muros e cercas de arames farpados, constituindo-se principalmente como artificiais, provisórias, simbólicas e imaginadas.

Há uma grande recorrência em se afirmar o estatuto artificial das fronteiras, ou “a artificialidade das fronteiras espaciais” (RAYNOR, 2015) com ênfase em como narrativas que enfatizam migrações, diásporas ou exílios representariam essa artificialidade de modo recorrente, bem como estudos literários e sociais analisariam tais produções para reafirmar tal artificialidade das identidades e das fronteiras. *Azul-Corvo*, ao representar múltiplas experiências errantes, possibilita uma reflexão em relação ao caráter ficcional da formação de fronteiras e de identidades. Contudo, se há uma atenção a ficcionalidade quanto às fronteiras materiais das nações, quer sejam fronteiras internas (MIRANDA, 1997), quer sejam externas (SANTOS, 1993), um aspecto menos enfatizado – mas também presente direta e indiretamente nesses estudos – tem sido o modo como as fronteiras, mesmo que materialmente móveis e fluídas, são simbolicamente relevantes, marcando lugares delimitados em termos identitários, étnicos, religiosos, linguísticos, entre outros.

Essa persistência das fronteiras e das identificações nacionais parece ser mais poderosa, politicamente, do que o desejo de superação do nacional, expresso por transnacionais, como em *Azul-Corvo*. Nesse sentido, considero que a voz narrativa em *Azul-Corvo* expressa um desejo, que acaba por ser contradito na própria narrativa, de

viver uma realidade transnacional em que o hibridismo e a mestiçagem cultural seriam aceitos como valores essenciais para a construção de uma cidadania transnacional. Assim, mesmo em narrativas em que seria possível perceber o predomínio de uma perspectiva transnacional, como considero ser o caso de *Azul-Corvo*, de Adriana Lisboa, tal desejo se constituiria como uma utopia. Isso, ainda que em contextos nacionais onde haveria de forma mais intensa a defesa de um discurso transcultural, de fim de fronteiras nacionais, como nos EUA. Para observar a dificuldade de se realizar esse desejo de “superação do nacional” e de viver uma realidade transcultural², aberta ao hibridismo e a mestiçagem cultural, farei uma breve leitura, pontual e direcionada, de *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa.

A narradora-personagem, Evangelina, ou Vanja, possui um estatuto nacional dúbio. Ela nascera nos EUA – filha de mãe brasileira, Suzanna – e com 2 anos acompanhara a mãe quando esta retornara ao Brasil. Após a morte de Suzanna, quando Vanja tinha 13 anos, a jovem viaja para os Estados Unidos para viver provisoriamente com Fernando, que legalmente era seu pai, para tentar conhecer seu pai biológico, o estadunidense Daniel. Nessa viagem, que seria temporária, Vanja será inicialmente uma estudante nos Estados Unidos, mas acabara vivendo nos EUA até o tempo da narração, “9 verões” (LISBOA, 2010, p. 103)³ depois.

Contudo, por ficar durante 9 anos nos EUA, estudar e trabalhar, ela se constituiria uma migrante? Ou ela seria estadunidense? Ou ela seria brasileira? Levanto essas dúvidas para pensar o estatuto contraditório e indefinido de Vanja, como de muitos outros errantes em *Azul Corvo*. Isso porque a personagem teria direito a cidadania estadunidense, por ter nascido nos EUA, e lá vivido até os 2 anos, e por ser filha biológica de um estadunidense. A dificuldade da narradora-personagem de se identificar surge, eventualmente, como quando não consegue se classificar nos questionários que requeriam sua identificação étnica:

(Na escola, eu tinha que preencher um papel com o meu grupo étnico. As opções eram: CAUCASIANO. HISPÂNICO. AMERICANO NATIVO. ASIÁTICO. AFRO-AMERICANO. Onde é que eu ficava nessa história?) (AC, p. 57, ênfase e parênteses da autora).

Como definir se Vanja é estadunidense ou brasileira, nativa ou migrante? Essas

² Utilizo-me do termo transcultural e não o usual multicultural, pois este implica uma concepção de várias culturas ocupando um mesmo espaço nacional, mas diferentes lugares culturais.

definições são importantes?

A narradora-personagem questiona tais identificações e localizações, quer nacionais, quer locais: “Num belo dia eu me dei conta de que não tinha importância o país onde eu estava. A cidade onde eu estava. Outras coisas tinham importância. Não essas (AC, 173)”. A narradora, assim, problematiza o pertencimento nacional ou local. Filiando-se a uma posição pós-identitária e transnacional, nessa e em outras passagens, para Vanja seriam importantes as relações entre indivíduos e não a filiação a uma identidade nacional ou contextual, seriam relevantes as experiências vivenciadas no cotidiano. Algo mais consistente do que um local de nascimento, criação ou domicílio.

Em *Azul Corvo*, a narradora passa a se sentir em casa e, ao mesmo tempo, fora de casa, no Brasil ou nos EUA. Mas, mesmo os riscos e limites dessa ausência de pertencimento vão sendo questionados por Vanja, ao pensar na condição exilada/migrante de Fernando (seu pai legal):

(...) a casa já não estava mais lá, portanto o caminho não podia estar. E não é que a casa estivesse, agora, em toda parte – não, isso é para os cidadãos do mundo, para os que viajam por esporte. Para os que nunca se arrastaram sobre a lama congelada na China e nunca correram o risco de ser devorados pelos ursos no Alasca. **Não é que a casa estivesse em toda parte: a casa não estava em parte alguma** (AC, p. 59, ênfase adicionada).

Diversos teóricos e escritores contemporâneos expressam uma posição muito próxima a essa de superação do nacional e de não-pertencimento a identidades específicas, como discutido por Figueiredo, em relação ao *manifeste pour une literature-monde*, ou por escritores como o sino-canadense Ying Chen: “Você esteja certo de que não sou cidadão de parte alguma” (CHEN, 2004, p. 57, minha tradução do francês). Essa perspectiva de não ser cidadão de parte alguma, de que a casa não está em parte alguma, possui seus aspectos positivos e negativos, já que tanto haverá direitos quanto deveres a que não fará jus esse “cidadão de parte alguma”, que legalmente acabaria por ser um não-cidadão dentro das fronteiras de vários estados nacionais, e não um cidadão do mundo. Essa cidadã de parte alguma, Vanja, ao não se identificar nem com uma identidade nacional, nem como uma identidade global, acaba por questionar o próprio status de cidadão do mundo, para se caracterizar como cidadã sem lugar definido, sujeito

³ Doravante, nas citações de *Azul-Corvo*, utilizarei a abreviatura AC.

em trânsito que vive suas experiência como indivíduo e não como membro de um grupo identitário.

Os vários personagens em situação de errância e deslocamento em *Azul Corvo* em alguns casos corroboram e em outros questionam essa condição de mobilidade e não pertencimento quer a uma identidade local e nacional, quer a uma identidade global: Vanja (estadunidense, brasileira, ou migrante); Fernando (brasileiro exilado na Inglaterra e, depois, migrante nos EUA); Daniel (estadunidense nascido na África); June (inglesa filha de um índio americano); Carlos (el-salvadorenho de nascimento, mas que deseja ficar no amado Colorado); Nick (estadunidense, mas um ecoanarquista que deseja partir do detestado Colorado); Aditi Ramagiri (estadunidense que tem aparência de indiana e se veste como indiana). Como declara Santos, “identidades, pois, são identificações em curso. [E, essas] identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções” (1993, p. 31). Quanto a esses personagens e outros, de *Azul-Corvo*, há uma permanente dubiedade ao se tentar situá-los e “identificá-los”, são representados como indivíduos em trânsito, identificando-se e desidentificando-se, em processos transitórios de identificação, não se constituindo como representantes dessa ou daquela identidade. Em alguns casos, inclusive, resistindo explicitamente a identificações. Nesses processos, a ênfase recorrente é no indivíduo, e não na identidade.

O pertencimento a uma identidade nacional ou global, se talvez não seja significativo para Vanja, não impede que a narradora-personagem de *Azul-Corvo* seja interpelada em algumas situações como estrangeira nos EUA, como quando outros – professores ou colegas de escola – filiam-na, ou desfiliam-na em relação a uma identidade como estadunidense ou brasileira. Enfatizo duas situações, entre outras: primeira, quando começa a narrar suas primeiras experiências como estudante nos EUA, com sua incapacidade de falar sem sotaque e sua conseqüente identificação imediata como estrangeira, embora tenha nascido nos EUA e, mesmo vivendo no Brasil, sua mãe (professora de inglês, português e espanhol) continuasse lhe ensinando inglês durante anos; segunda, ao final da narrativa, na penúltima página, quando relembra, *en passant*, uma festa em que estava com algumas colegas de escola, em Lakewood, Colorado:

(...) fui ajeitar o colar de uma delas, e disse acho que fica melhor assim, e ela me disse não preciso de informações da América do Sul.

Lembro-me da sua voz. Doce e precisa, sua voz-bisturi. *I don't need information from South America* (AC, p. 176, ênfase da autora).

Vanja, na passagem, é identificada como sulamericana, mesmo que não se identifique e possa ser considerada como estadunidense por seu nascimento e por sua ascendência. Se a identificação a uma nacionalidade ou localidade não seria importante para muitos escritores transnacionais, teóricos da diáspora e do transnacionalismo, ou para Vanja, essa identificação ainda parece ser bastante relevante para alguns, como para os professores e para a colega de escola de Vanja. Assim, a narradora-personagem recorrentemente questiona o pertencimento a identidades nacionais ou globais, mas algumas experiências vivenciadas pela personagem (e por outros no romance) problematizam e permitem demonstrar as dificuldades de realização de um projeto transnacional expresso pela voz narrativa.

Nesse sentido, *Azul Corvo* constitui-se como uma narrativa que utopicamente exprimiria um desejo de fim das fronteiras e das divisões a partir de fatores identitários: nacionais, linguísticos, étnicos ou culturais. Contudo, ao mesmo tempo, possibilita que se pense na não-superação do nacional nas experiências vividas por personagens errantes na literatura contemporânea. A persistência dessas marcações de lugares identitários nacionais, que personagens como Vanja (e outros em *Azul-corvo*, como Carlos e sua família de *sin papeles*; Aditi; Fernando; Isabel) vivenciam e que políticos como Donald Trump exploram politicamente em discursos populistas e nacionalistas, permite problematizar os percalços e limites de uma perspectiva de “superação do nacional”, que escritores como aqueles do *manifeste pour une littérature-monde* e a própria voz-narrativa em *Azul-Corvo* defendem.

Explícito que considero como movimentos dialéticos os empreendidos pela voz narrativa em *Azul-Corvo* e Donald Trump. Enquanto a voz narrativa em *Azul-Corvo* questiona as localizações e identificações culturais e o fechamento de fronteiras como limitadoras da emancipação de subjetividades, um político como Donald Trump faz um movimento de certo modo inverso e questiona a abertura de fronteiras, em louvor da regulação de identidades culturais nacionais, a partir de um discurso étnico-religioso, xenófobo e racista, de surpreendente “eticização da maioria” (SANTOS, 1993, p. 42).

Assim sendo, considero provisoriamente que a articulação literária de um discurso pós-identitário em contexto transnacional, constituiria um projeto cultural e literário utópico, cujo objetivo seria alterar a forma de relacionamento entre os “nós” e os “eles”, tantas vezes estabelecida de modo oposicional, passando de uma perspectiva binária, para uma dialógica. Ao abordar a literatura transnacional, Figueiredo declara: “Decididamente, os escritores que estão produzindo uma literatura transnacional eliminaram todo tipo de gueto, seja ele nacional, territorial ou linguístico (FIGUEIREDO,

2013, p. 42)”. Não parece haver dúvidas de que esses escritores defendem um projeto de eliminar guetos e lugares delimitados e confinados, expressando um desejo do fim de fronteiras físicas e simbólicas. Contudo, tanto representações como *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, (a partir de exemplos específicos, que de certo modo contradizem o posicionamento pós-identitário e transnacional expresso pela voz narrativa), quanto proposições políticas como de Donald Trump, Marine Le Pen, Matteo Salvini, entre outros, permitem observar que uma superação do nacional, de identidades e de fronteiras, ainda se constituem como um desejo.

Bibliografia

- BERND, Zilá. Identidades e nomadismos. In: JOBIN, José Luiz (Org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, v. 1, 1999, p. 95-111.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.
- BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. London: Routledge, 1996.
- CHEN, Ying. **Quatre mille marches**. Montréal: Boréal, 2004.
- CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In: ARANTES, A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 50-80.
- CURY, Maria Zilda F.. Auroras Migrantes. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 59, n. 2, p. 185-190, abr.-jun. 2015.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 23, p. 44, 2013, p. 31-48.
- HEAVEY, Susan, STEPHENSON, Emily. Trump defends proposed Muslim ban from U.S. as outrage mounts. **Reuters**, edição de 8, dez, 2015. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/us-usa-election-trump-defense-idUSKBN0TR1KY20151208>.
- SAID, Edward. **Reflections on Exile and Other Essays**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2000.
- MIRANDA, Wander Melo. As fronteiras internas da nação. **Cânones e contextos**. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997, p. 417-424.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, Identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 5, n. 1-2, 1993, p. 31-52.